

Antônio Candido e as cartas de mamãe

Wesley Lucas Batista da Silva*

1. A mãe, o pai e os filhos

A casa era pequena. Um quarto, uma sala-cozinha, uma área aberta que dava para a rua, um banheiro, um quintal e um beco. Como ela, outras treze casas formavam um dos blocos do conjunto habitacional construído pela prefeitura municipal. Nela, éramos, como os cômodos, seis: eu, dois irmãos, uma irmã, meu pai e minha mãe, vivendo do trabalho de meu pai – agente de endemias, como orgulhosamente gosta de ser chamado – e dos cuidados – não menos trabalhosos – de mamãe.

A esse tempo, a rotina de nós, crianças, resumia-se a brincar incansavelmente, em casa, na casa de um dos vizinhos ou na rua; ir para a escola, assistir tevê, brincar mais um pouco, comer e dormir. Bila, futebol, pipa, pião, esconde-esconde, pega-pega, bandeirante, barra-bola, polícia e ladrão etc., faziam parte do leque de brincadeiras que, não fosse o chinelo que mamãe impunha no alto da esquina, ao fim da noite, talvez virássemos o dia brincando.

Se para brincadeira havia hora, para os estudos não era diferente. Em nossa casa, mesmo sem livros à disposição, sem pais leitores que pudessem nos influenciar por meio do exemplo, estudo sempre foi uma palavra sagrada, sem o qual não poderíamos mudar jamais nossa realidade. Acerca disso, lembro com muito gosto de ver mamãe sentar-se conosco à mesa para nos ensinar os exercícios de casa, ainda que sequer tivesse concluído o primeiro grau – tarefa esta que teve de abandonar logo que ultrapassamos o nível de ensino no qual ela havia parado.

Era ela quem frequentava as reuniões na escola, as festas, as cerimônias de formatura, as peças de teatro – que eu, tímido, geralmente avisava em cima da hora, para que ela não pudesse me ver – as confraternizações, de modo geral. Enquanto isso, meu pai trabalhava pela manhã e pela tarde como agente de endemias e, pela noite, ajudava o irmão numa lanchonete – por muito tempo, um dos nossos lazeres aos domingos – a fim de pôr a comida na mesa durante a semana, visto que o mínimo salário que recebia destinava-se, apenas, ao pagamento de dívidas.

Assim vivíamos e assim crescemos, entre brincadeiras, estudo, brigas, dificuldade financeira, discussões e histórias que mamãe não cansava de nos contar sobre experiências dela. Contava da enchente de 1985, que desalojara o povo de suas casas; da cicatriz que

* Graduando em Letras – Português e Literaturas pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Este trabalho foi desenvolvido na disciplina Tópicos Especiais em Teoria da Literatura sob a orientação do professor Dr. Atilio Bergamini (UFC).

uma de nossas tias fizera em um tio, numa dessas brigas de irmãos; e, claro, sobre ela e suas artimanhas da meninice: a perda do progenitor, a resistência de vovó para aceitar seu relacionamento com papai, a viagem a Roraima, o nascimento de cada um de seus filhos, etc.

Das histórias com papai, que nos interessava muitíssimo, mamãe guardava um conjunto de cartas, para as quais era vetado o nosso acesso. Escondidas em meio a outras papeladas, na parte de cima do guarda-roupa, as cartas eram para nós o que hoje seria a parte superior de uma estante, onde se localizam os livros proibidos. Nunca pudemos lê-las, sob o peso de seu teor, o qual, apesar da meninice, podíamos imaginar – o que para nós era um motivo a mais para lê-las a qualquer custo... Sem sucesso.

Foi a partir da leitura de alguns textos memorialísticos e biográficos de Antonio Candido, que vi, na lembrança da existência das cartas de mamãe, a possibilidade de abri-las para revisitar a bonita história dela e de meu pai e, conseqüentemente, a minha história, unindo, desse modo, como o velho *Dom Casmurro*, as duas pontas da vida. Quem sabe assim, como Antonio Candido fizera a partir da biblioteca pessoal de seu pai, eu conseguiria, através das cartas de mamãe, com o apoio da obra de Schwarcz e Starling (2015), investigar a história mental de uma época – aqui, o Brasil na transição do ano de 1989 para o de 1990.

2. Digressões testemunhais e biográficas de Antônio Cândido: um parêntese

No primeiro desses textos que lançamos mão, *Cartas do voluntário* (2008 [1958]), Antonio Candido faz uma leitura atenta de cartas remetidas por um “tenentinho de Voluntários da Pátria”, do sertão de Araraquara, à família, durante a Guerra do Paraguai, para a qual se voluntariou e na qual faleceu. Para essa leitura, Candido imprime o mesmo cuidado que dedica à leitura de obras literárias, o que pode ser visto, por exemplo, quando observa a linguagem utilizada pelo tenentinho para falar com as irmãs: “como escrevesse à vontade, familiarmente, policiava menos a grafia e se abandonava às irregularidades saborosas da prosódia tradicional” (CANDIDO, 2008, p. 113), em oposição à linguagem utilizada para falar a um dos tios, marcada por um “estilo mais apurado”, que abandonava “o tom familiar para se empertigar um pouco na convenção” (CANDIDO, 2008, p. 113).

Já em *Digressão sentimental sobre Oswald de Andrade* (2017 [1970]), Candido alia crítica literária a ponderações de ordem afetiva sobre o artista e amigo Oswald de Andrade. Sob essa perspectiva, inicia e conclui seu texto tecendo considerações críticas à obra como um todo do artista, aproveitando-se para fazer reparos nos juízos que ele mesmo elaborara, ainda na juventude; ao mesmo tempo, divaga, por meio de retratos por escrito, a respeito da figura irreverente que foi Oswald – do artista que durante a mocidade reagia mal às críticas feitas à sua obra, ao homem de humor apurado, que, não importando a seriedade da circunstância, preferia a descontração a ser um *chato-boy* (como chamava os intelectuais precoces da *Revista Clima*, da qual Candido fizera parte).

Em *Teresina e seus amigos* (2007 [1980]), Candido narra a história de uma italiana, velha amiga da família, Teresa Maria Carini, que a vida toda se colocou à disposição da luta pela igualdade, pelos direitos das mulheres, dos trabalhadores e dos mais pobres, “participando da fundação de ligas, da promoção de conferências, do apoio às escolas operárias e aos movimentos grevistas, interessando-se muito pela emancipação política e intelectual do seu sexo” (CANDIDO, 2007, p. 22). Em sua casa, em Poço de Caldas, onde “estava sempre lendo e escrevendo, procurando conferências, se interessando pelo movimento das ideias” (CANDIDO, 2007, p. 22), Teresina “vivia com pouco, ensinando tricô, italiano e francês. Protegia e ensinava de graça a muita gente, dava sem hesitar o que tinha a quem pedisse ou precisasse, mesmo ficando sem nada” (CANDIDO, 2007, p. 25), sempre orientada pela sua filosofia socialista.

Em *O recado dos livros* (2004 [1993]), Candido, na ocasião da doação do acervo de livros de seu pai à Unicamp, pontua como é possível investigar a história mental de uma época a partir de uma biblioteca pessoal. Para isso, analisa as “camadas” que pouco a pouco, influenciadas pelo tempo e pelas circunstâncias, foram constituindo a biblioteca de seu pai, que vão desde o período ginásial, passando pela formação na faculdade de medicina, pela estadia na Europa, até as últimas aquisições, perto de sua morte.

Finalmente, em *O jovem Florestan* (1996), Candido rememora a trajetória do seu companheiro de curso e amigo Florestan Fernandes, com quem dividiu a ocupação de professor-assistente na cadeira de Sociologia II na USP e para quem nutria profunda admiração, seja pela sua “absoluta seriedade e dedicação com que realizava qualquer tarefa”, seja pelo “afinco com que observava e anotava”, seja, enfim, pela “fome de saber” e pelo “prazer pelas tarefas difíceis” (CANDIDO, 1996, p. 12), que o levariam ao panteão dos intérpretes do Brasil, ao lado de Euclides da Cunha, Sérgio Buarque de Holanda, Gilberto Freyre e Caio Prado Júnior.

O que todos esses textos têm em comum, para além de serem memorialísticos ou biográficos, é o carinho e o apreço com que Antonio Candido leu e interpretou a vida de indivíduos que, de uma forma ou de outra, fizeram parte de sua vida – o que é retomado nos métodos e valores que conduzem minhas análises. Destaca-se, ainda, nesses escritos, a relação dos personagens com a cultura escrita, ora pela leitura, ora pela escrita, ora pela união de ambas, independentemente de serem figuras notáveis para a esfera pública – como o foram Oswald de Andrade e Florestan Fernandes – ou não – como o foram o tenentinho, Teresina e seu próprio pai.

A respeito da eminência, ou não, das figuras escolhidas, Candido (2004, p. 36) considera – o que tomamos como ponto de partida – que “é válido estudar não apenas a formação de homens ilustres [...], mas também a de um simples profissional culto”, do tipo que foi, para ele, seu pai, e, em certa medida, para mim, minha mãe.

Com isso, a partir desses textos, podemos inferir que, para Antonio Candido, a vida dessas pessoas mereceu ser narrada e considerada não por mero saudosismo ou porque simplesmente merecessem homenagens, mas, antes disso, porque os sujeitos aí

destacados inspiravam ousadia, honestidade, coragem, determinação, senso de justiça, atribuições, enfim, que cultivava e admirava nas pessoas. Como seu contemporâneo e leitor, vejo na história de minha mãe e de meu pai outro exemplo de vida que, como o das pessoas citadas, pode, também, inspirar novos sentimentos e novas histórias.

3. O amor proibido

Ao contrário do que nós, crianças, poderíamos pensar, a história de meus pais nem sempre foi um mar de rosas, fácil e delicado como aparentava ser. Numa das vezes em que mamãe nos contou da dificuldade que eles enfrentaram para ficar juntos, disse-nos que vovó – sua mãe – desde o início se opunha à união dos dois. A razão era simples: ela era branca; ele, negro.

Ainda que ambos pertencessem à mesma classe social, a diferença racial era, para a minha avó, um problema – não porque se opusesse à miscigenação, mas por puro racismo, que estereotipava na pele de meu pai a razão de seu caráter. Sem meios para intervir diretamente na interrupção desse relacionamento que, como uma flor no asfalto, crescia, dona Maria das Graças, minha avó, viu, numa viagem para Boa Vista, Roraima, onde uma irmã sua morava, a possibilidade de apartar o casal de uma vez por todas. A esse tempo, mamãe, Veronilde, tinha 18 anos; papai, Fábio, 21.

Antes disso, mamãe morou em Mossoró, no Rio Grande do Norte, por dois anos, de onde partia para sua cidade, Aracati, aos finais de semana. Já nesse tempo, correspondia-se com papai por cartas. Numa delas, ele, incisivo, pediu que ela tomasse uma decisão definitiva acerca da viagem que estavam organizando para ela.

Veronilde[,] espero que você esteja decidida[,] pois eu falei que quem ia decidir era você. (SILVA, 7 out., 1989).

Um mês depois, mamãe lhe responde, dizendo que havia chegado a uma “grande conclusão”:

Fabio,[...] eu não vou mais para Roraima. Resolvi ficar com você porque eu tenho medo de lhe perder novamente. (BATISTA, 23 nov., 1989).

Menos de dois meses depois da promessa de que não iria viajar, em janeiro do ano seguinte, Veronilde embarcou para Roraima, fazendo duas escalas: a primeira, em São Luís, no Maranhão, e a segunda, em Manaus, no Amazonas. Nesse período em terras distantes, o qual duraria um ano, mamãe passou por momentos muito difíceis de espera, angústia, medo, melancolia e estresse, deixados em cada linha das cartas a que hoje – não sem resistência – tive acesso. Correspondeu-se com papai, pelo que ficou das cartas, de fevereiro a novembro, com ocorrências de três cartas num mês, como em março, e meses sem nenhuma, como em agosto. É claro que muitas delas se perderam pelo caminho, motivo pelo qual não tive acesso àquelas remetidas por papai a Roraima, mas apenas às de mamãe de Roraima para Aracati.

4. Do centro da Boa Vista

Contra sua vontade, mamãe foi parar no Centro de Boa Vista, onde morou numa rua, segundo ela, “muito movimentada”, e de onde esperava sair o quanto antes. Enquanto não regressava, tinha nas cartas um modo de manter-se próxima a seu amado. Com ele, correspondeu-se de fevereiro a novembro, quando escrevia geralmente ao acordar ou na madrugada – “desculpa a letra feia e a caligrafia errada, foi feita à meia-noite com o luar da madrugada” (BATISTA, 7 abr., 1990) (Anexo A) – escrevia para dar as suas notícias e ao mesmo tempo saber das dele.

Fabio, estou lhe escrevendo estas poucas linhas para lhe dar as minhas notícias e ao mesmo tempo saber das suas. (BATISTA, 4 fev., 1990).

Estou lhe escrevendo para lhe dar as minhas notícias, e ao mesmo tempo saber das suas [...] (BATISTA, 7 abr., 1990).

É com muita saudade de você que volto a lhe escrever para lhe dar as minhas notícias e ao mesmo tempo saber das suas. (BATISTA, 28 maio, 1990).

Estou lhe escrevendo para te dar as minhas notícias e ao mesmo tempo saber das suas. (BATISTA, 10 jul., 1990).

É com muita saudade e tristeza que volto a pegar nesta caneta para lhe dar as minhas notícias e ao mesmo tempo saber das suas. (BATISTA, 16 set., 1990).

É com muita saudade que volto a te escrever, para lhe dar as minhas [notícias] já que soube das suas. (BATISTA, 24 out., 1990) (anexo B).

Meu amor, é com muita saudade que volto a pegar nesta caneta para lhe dar as minhas notícias, já que soube das suas. (BATISTA, 20 nov., 1990).

Assim, na distância, tinha de encarar o fato de que não estava mais na mesma terra de seu amado, de que ele não estava mais ao alcance de suas mãos, o que a fez entrar num período de intensa melancolia.

Fabio[,] choro todos os dias arrependida, eu pensava uma coisa e me aconteceu outra muito diferente, tem noite que eu não consigo jantar[,] durmo com fome porque a raiva não deixa [...] se eu pudesse ir embora[,] eu já estava aí, mas não posso, estou dependendo da tia em tudo. Não sei se vou até o próximo ano aqui, eu quero ir embora o mais rápido possível [...] (BATISTA, 12 mar., 1990) (anexo C).

Insatisfeita com a vida que levava ali:

pela manhã eu ajudo a tia em casa e o tio no bar, a tarde eu estudo, estou adorando, a turma é muito legal. E aos sábados chorando com saudade de você, lembrando a burrada que eu fiz, eu me arrependi muito[,] não sei nem como lhe explicar, amor. E aos domingos do mesmo jeito. (BATISTA, 2 mar., 1990).

Mas sem ter condições de reverter a situação, mamãe se valia dos sonhos para ficar perto daquele que um dia seria meu pai.

Espero por ti todas [as] noites no meu sonho, sonho contigo todas as noites. Tem [dia] que eu fico acordada chorando, sentindo sua falta. (BATISTA, 2 mar., 1990).

Sonhos também que revelavam muito de seus temores, como o medo de perdê-lo.

Eu sonho contigo todas as noites, sonho com você com outra garota e eu fico lembrando, sonho e penso que é verdade...” (BATISTA, 2 mar., 1990).
Fabio[,] todas as noites sonho contigo com outra garota, espero que o meu sonho não seja realidade. (BATISTA, 7 abr., 1990) (anexo A).

Vez ou outra esse medo aparecia de modo consciente, longe da esfera onírica e de modo direto:

Quero saber se você já arranjou alguém para pôr no meu lugar. (BATISTA, 4 fev., 1990).

E, dois meses depois,

Queria lhe perguntar se você já arranjou alguém, aproveita porque a gente só ~~nos vamos nos~~ [vai se] ver daqui para o próximo ano. (BATISTA, 7 abr., 1990 [correção nossa]) (anexo A).

Por vezes, esse sentimento lhe punha a rabiscar alguns versos – de pontuação truncada, é certo, mas de ritmo peculiar à capacidade daquela que, próximo aos vinte anos, ainda nem havia concluído a sétima série.

“Não te esqueças de mim”

Não te esqueças de mim. Quando
a brisa tocar na tua face.
Não te esqueças de mim. Que te
amo tanto.
Não te esqueças de mim. Quando
escutar a nossa música preferida.
E a saudade apertar o teu coração.
Quando pegares uma flor, lembra-te
os dias que passei contigo.
Não te esqueças de mim. Que te
amo tanto.
Não te esqueças de mim. Quando
a tardinha a gente ficava juntinho,
pensando um no outro.
Quando de noite você sentir saudade
de mim. Lembra-te dos versos que te dei.
Não te esqueças de mim. Quando
me vir partir, com os olhos cheios de lágrimas.
Hoje iria fazer 10 meses que nos amamos.

O tempo passa tão depressa.
Guarda ainda as minhas cartas?
Eu guardo as tuas?
Não te esqueças de mim. Que
ainda te amo, te amo tanto!

(BATISTA, 24 out., 1990).

Sendo esse comportamento – os ciúmes e o medo de perdê-lo – consequência da distância, mamãe, antes de partir para Roraima, viu, num objeto especial – um lençol – uma forma de mantê-los de alguma forma conectados. Ali estava a materialidade da intimidade de ambos; era, pois, um pedaço dela deixado com ele.

[...] quero lhe pedir que tome conta do nosso lençol, não deixe rasgar, espero que ele continue do jeito que eu deixei. Tome [de] conta dele e faça de conta que sou eu, tá[?]. (BATISTA, 12 mar., 1990).

Além do lençol, uma quantidade considerável de fotografias era remetida de um lado para o outro, como outra forma de mantê-los unidos.

Passei o dia dos namorados dentro de casa, só pensando e chorando abraçad[a] com a sua foto, ainda bem que eu tenho a sua foto pra mim [eu] ficar olhando pra ela, penso que é você. (BATISTA, 10 jul, 1990 [correção nossa]).

5. Veronilde e as outras

Além da mãe de mamãe, outras figuras estavam dispostas a impedir a concretização desse romance, o que é explicitado nas cartas, curiosamente, datadas de março – quando mamãe era ainda uma recém-chegada à cidade e o amor estava em chamas – mas também de outubro, quando ensaiava despedir-se de Roraima.

Fabio[,] quero lhe pedir desculpa pelo e que a tia fez, quero te dizer que foi mentira quando a tia disse para você que eu tinha saído com as amigas, eu estava na casa vizinha, ela que não quis me chamar, fiquei muito chateada com tudo[,] espero que não aconteça mais. (BATISTA, 12 mar., 1990) (anexo C).

Fabio[,] na última vez que eu falei com você pelo telefone, a tia Raimundinha ficou sabendo, ligou para tia Creusa dizendo que eu tinha ligado pra você da casa de uma prima. Só sei que agora a minha vida é um inferno. (BATISTA, 24 out., 1990) (anexo B).

Uma solução encontrada por mamãe foi pedir que papai não mais ligasse para ela, para evitar conflitos, que permanecessem se comunicando por cartas.

Quero lhe pedir por tudo que [é] mais sagrado nesse mundo[,] não me ligue mais[,] por favor[,] é melhor pra mim e pra você, assim agente evitar discus[s]ões. Te peço que não fique chateado de não mais poder falar

comigo, mas não se preocupe porque quando eu tiver uma folga eu ligo e mandarei lhe chamar, só não quero que você ligue mais para cá. (BATISTA, 12 mar., 1990[correção nossa]) (anexo C).

Uma saída encontrada por papai, por sua vez, tentando precaver-se de possíveis problemas, foi remeter uma carta com a assinatura de sua irmã, o que dá conta do quanto esse casal do interior do Ceará lutou para ficar junto.

Meu grande amor[,] fiquei preocupada quando recebi a sua carta no nome de Gerlene, pensei em muitas besteiras, não precisa você se preocupar que comigo está tudo bem. E quem recebeu a sua carta foi eu mesma. Você pode colocar em seu nome e não se preocupe. (BATISTA, 28 maio, 1990).

6. O recado das cartas

Em meio a essa turbulência vivida pelos dois, o país, depois de um período de vinte e um anos de Ditadura Civil-Militar (1964-1985), rumava em direção à redemocratização. O primeiro passo para esta empreitada se deu com as manifestações populares pelas *Diretas já!*, as quais se iniciaram, timidamente, em junho de 1983, em Goiânia, reunindo ali cerca de cinco mil pessoas, e terminaram por reunir, em fevereiro de 1984, em grandes comícios, trezentas mil pessoas em Belo Horizonte; um milhão no Rio de Janeiro e um milhão e meio em São Paulo (SCHWARCZ; STARLING, 2015, p. 484).

O estopim para esse retorno da população às ruas se deu em razão da Emenda Constitucional Dante de Oliveira – em referência ao deputado mato-grossense que a elaborou –, a ser votada em abril daquele ano, que previa o retorno às eleições diretas. A emenda, que ganhou força devido ao desgaste do executivo liderado pelos militares, à explosão inflacionária – 211% em 1983 –, ao arrocho salarial e aos escândalos financeiros do governo Figueiredo (SCHWARCZ; STARLING, 2015, p. 483), apesar de ter recebido maioria dos votos – 298 a favor, 63 contra e 3 abstenções – não obteve a quantidade mínima de dois terços, o que adiou, mais uma vez, o restabelecimento da democracia.

Sem a conquista da emenda, as eleições permaneceram por vias indiretas, ou seja, sem a participação popular, permanecendo nas mãos dos parlamentares a escolha do sucessor de Figueiredo. No entanto, o movimento pelas *Diretas* não foi de todo um fracasso; o PDMB, principal partido de oposição ao governo, havia ganhado força política, sobretudo depois das eleições para governador, ocorridas no ano anterior, nas quais o partido elegeu dez dos vinte e seis governadores para os estados com maior força política no país: São Paulo, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, dentre outros. Em razão disso, o partido teve forças para sustentar a candidatura de Tancredo Neves, então governador de Minas Gerais, para a presidência da república, como oposição a Paulo Maluf, candidato do governo. (SCHWARCZ; STARLING, 2015, p. 485-486).

Com um programa que aparentava ser mais uma “mudança de governo” do que propriamente uma “ruptura do sistema político”, pelo seu caráter conciliatório, Tancredo venceu as eleições, assumindo o compromisso de manter os pontos essenciais da oposição

ao governo vigente: promoção das “eleições diretas em todos os níveis; convocação de uma Assembleia Constituinte e promulgação de uma nova Constituição”. (SCHWARCZ; STARLING, 2015, p. 486).

Da eleição até a posse, Tancredo sofreu calado: “tinha pesadelos diários com a possibilidade de os generais encontrarem um modo de impedir sua posse e receava que um afastamento para cuidar da saúde lhes servisse de pretexto” (SCHWARCZ; STARLING, 2015, p. 487). Por esse motivo, escondeu de amigos e inimigos o fato de que estava doente, avaliando “que conseguiria assumir o cargo na data prevista”. No entanto, dias antes de assumir o cargo, o presidente eleito teve de passar por algumas cirurgias, das quais não obteve sucesso. Falecendo, restou a seu vice, o ex-governador do estado do Maranhão, ex-presidente do PDS e ex-Arena, José Sarney, ser empossado presidente.

No seu “jeitinho brasileiro”, Sarney governou o país de 1985 a 1990, quando então deu lugar a Fernando Collor de Melo, o primeiro presidente eleito por voto direto desde o restabelecimento da democracia. Durante seu governo, Sarney convocou a Assembleia Constituinte, em 1987, e promulgou a Constituição, em 1988, conforme prometido por Tancredo Neves. Entretanto, seu governo “ia de mal a pior: inflação alta, índice decrescente de popularidade, aumento das denúncias de corrupção.” (SCHWARCZ; STARLING, 2015, p. 490). Algumas das saídas encontradas por ele foi o Plano Cruzado, o qual previa a troca da “velha moeda, o cruzeiro, pelo cruzado, criava o seguro-desemprego, garantia um abono salarial de 8% e um aumento de 15% do salário mínimo” e “estabelecia o congelamento total de preços, tarifas e serviços”. (SCHWARCZ; STARLING, 2015, p. 490). A medida, no entanto, demandava “ajustes a curto prazo”, dentre os quais estavam “a liberação dos preços, o corte de gastos e a redução do consumo”, o que, a priori, Sarney ignorou. O resultado disso foi que “o Plano Cruzado se esfarinhou” e “os produtos sumiram das prateleiras” (SCHWARCZ; STARLING, 2015, p. 491).

A alternativa encontrada foi a criação do Plano Cruzado II, o qual “elevou todas as tarifas de serviços públicos, descongelou os preços dos produtos e autorizou os aumentos” (SCHWARCZ; STARLING, 2015, p.491). Essa crise, que retirou de vez qualquer credibilidade do governo, refletiu diretamente no consumo da população, como mamãe aponta em algumas correspondências:

Tudo aqui são [é] caro. Uma cerveja é 39 cruzado[s]. Um kg de peixe 120 cruzado[s]. (BATISTA, 4 fev., 1990[correção nossa]).

Diga pra Dona Fatima que aqui pra fazer unhas é 200 cruzados pé e mão. (BATISTA, 2 fev., 1990).

Não terminava por aí. Já no governo Collor, que se empossara em 15 de março de 1990, os preços permaneciam em alta, o que podia ser observado, por exemplo, pelo preço das passagens aéreas, sobretudo se relacionadas ao salário mínimo, à época, de 3.674,06 cruzados:

o preço da passagem está de 39.840 ida e volta. (BATISTA, 7 jul., 1990).

Outro fator que denunciava a crise econômica do país na transição do governo Sarney para Collor, também consequência das medidas falidas de ambos, era a crise energética – não foram raras as vezes em que mamãe queixou-se da situação:

Fábio aqui só [o] que está sendo chato é a luz que falta todas as noites, me desculpe a letra feia[,] mas foi feita a luz de vela [...] (BATISTA, 2 mar., 1990).

[...] aqui falta luz todos os dias, ninguém consegue assistir a novela, eu vou pra aula faltando energia e chego do mesmo jeito [...] (BATISTA, 12 mar., 1990).

[...] só tem um porém, falta energia todos os dias, é de segunda a domingo. Tanto faz de dia como a noite. (BATISTA, 7 abr., 1990).

Em síntese, Schwarcz e Starling (2015, p. 493) apontam que, nesse período, “a vida virou de pernas pro ar. Ninguém podia comprar, o consumo caiu e milhares de trabalhadores ficaram desempregados. Empresas quebraram, o país perdeu a capacidade de poupar, e a população compreendeu que ia precisar de sorte para enfrentar os meses seguintes”. Nessas circunstâncias, mamãe não estava de fora dos que contavam com a sorte.

7. O peso e a medida

Com ou sem energia, mamãe concluiu o ano letivo, e depois de quase um ano separada de meu pai por 2700 quilômetros, aproximadamente, ela despediu-se de Boa Vista rumo à sua cidade natal, Aracati. Ainda em Roraima, sonhava em dar uma netinha para Dona Helena, sua sogra, tarefa para a qual pensava estar impedida, pelo fato de que papai, segundo ela, nunca quis lhe dar a felicidade de ter um filho dele – fato que não se comprovaria quando, quase que ininterruptamente, vieram quatro. A primeira, Mayara, em 1992, sucedida por Fábio, em 1993, Felipe, em 1995 e, finalmente, por mim, em 1997, fechando o ciclo.

Fomos seis, por muito tempo – na alegria, na tristeza, na saúde e na doença. Número que aumentou para sete, quando veio o primeiro neto, Pedro, mas que se reduziu a dois, quando todos os filhos, chegada a idade, resolveram sair do ninho da mãe, aquele mesmo onde cresceram e onde, até hoje, os pais vivem.

Quase trinta anos depois, a história de um amor proibido, a história que, segundo mamãe, jamais poderia ser contada, é reescrita. Mamãe não conseguiu concluir o ensino médio, porque tomava conta dos filhos e da casa, e, já com certa idade, não conseguiu, ainda, convencer-se de voltar à escola. Meu pai, que sempre sonhara em ser bacharel, concluiu, em 2017, a graduação em Administração. Dos filhos, a mais velha é assistente social, o mais velho dos homens é pedagogo, o do meio, enfermeiro e eu, o caçula, sou professor.

Reescrever essa história, pois, passa por alguns objetivos: em escala menor, conhecer, através das cartas, o contexto histórico, político e econômico do país, enquanto fontes documentais, como o fizera Candido n’*O recado dos livros* (2004); e, em escala maior, valorizar não apenas o direito de todos à leitura de literatura (CANDIDO, 2017), mas também o direito de todos e todas de ter sua produção levada à condição de objeto de investigação.

Contar essa história, portanto, é, também, um ato político – para a teoria da literatura, a história da minha mãe e de meu pai não é digna de ser objeto de análise, mas ainda assim insisto. O que pretendo, com isso, é argumentar: por que, como fizera Candido com Teresina, com seu pai e com o “Tenentinho” – pessoas distantes da esfera pública – a história dos nossos não pode ser contada? Por que a nossa história não é digna de nota?

Aqui, espero ter mostrado que isso é possível. Tarefa que não teria conseguido se não fosse o amor pela história de minha família e pela minha história. A respeito disso, mamãe escreveu alguns versos:

O amor é o nosso sexto sentimento.
Ele pulsa dentro de nossas vidas
como uma criança que vai nascer.

(BATISTA, sem data).

Referências

BATISTA, M. V. [Carta] Destinatário: Fábio Moreira. Boa Vista, 4 fev. 1990. Maria Veronilde Batista escreve ao destinatário a respeito da carestia na cidade.

BATISTA, M. V. [Carta] Destinatário Fábio Moreira. Boa Vista, 2 mar. 1990. Maria Veronilde Batista informa ao destinatário qual a sua nova rotina na cidade.

BATISTA, M. V. [Carta] Destinatário: Fábio Moreira. Boa Vista, 12 mar. 1990. Maria Veronilde Batista solicita que seu companheiro não lhe ligue mais.

BATISTA, M. V. [Carta] Destinatário: Fábio Moreira. Boa Vista, 7 abr. 1990. Maria Veronilde Batista informa que só viajará no ano seguinte e que tem uma nova sobrinha.

BATISTA, M. V. [Carta] Destinatário: Fábio Moreira. Boa Vista, 28 maio. 1990. Maria Veronilde Batista informa que o destinatário pode assinar as cartas com seu próprio nome.

BATISTA, M. V. [Carta] Destinatário: Fábio Moreira. Boa Vista, 10 jul. 1990. Maria Veronilde Batista relata que sonha com o destinatário todas as noites.

BATISTA, M. V. [Carta] Destinatário: Fábio Moreira. Boa Vista, 16 set. 1990. Maria Veronilde Batista informa que há noites que não consegue dormir.

BATISTA, M. V. [Carta] Destinatário: Fábio Moreira. Boa Vista, 24 out. 1990. Maria Veronilde Batista informa que a tia ficou sabendo das ligações feitas por ela a seu companheiro.

BATISTA, M. V. [Carta] Destinatário: Fábio Moreira. Boa Vista, 20 nov. 1990. Maria Veronilde Batista informa que a passagem de volta já está comprada.

BATISTA, M. V. [Carta] Destinatário: Fábio Moreira. Mossoró, 23 nov. 1989. Maria Veronilde Batista informa ao destinatário que está decidida a não viajar.

BATISTA, M. V. [Carta] Destinatário: Fábio Moreira. Boa Vista, sem data. Maria Veronilde Batista escreve um poema ao destinatário.

CANDIDO, A. As cartas do voluntário. In: CANDIDO, A. *O observador literário*. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2008, p. 111-116.

CANDIDO, A. Digressão sentimental sobre Oswald de Andrade e O direito à literatura. In: CANDIDO, A. *Vários escritos*. 6ª ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2017, p. 33-61.

CANDIDO, A. O jovem Florestan. *Revista Estudos Avançados*, São Paulo, v. 10, n. 26, 1996, p. 11-16.

CANDIDO, A. O recado dos livros. In: CANDIDO, A. *Recortes*. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2004, p. 234-241.

CANDIDO, A. Teresina. In: CANDIDO, A. *Teresina etc.* Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2007, p. 11-74.

SCHWARCZ, L. M.; STARLING, H. M. No caminho da democracia: a transição para o poder civil e as ambiguidades e heranças da ditadura militar. *In*: SCHWARCZ, L. M.; STARLING, H. M. *Brasil: uma biografia*. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015, p. 467-497.

SILVA, J. F. M. [Carta] Destinatário: Maria Veronilde Batista. Aracati, 2 out. 1989. O remetente pede que a destinatária tome uma decisão acerca da viagem.

ANEXOS

Anexo A - Maria Veronilde Batista informa que só viajará no ano seguinte e que tem uma nova sobrinha.

Olá meu dia a dia. Raíla queria lhe
perguntar se você já arrajou alguém,
e aproveita por que abate só nos vamos pa-
nos ver daqui para o próximo ano.
Uma surpresa, arrumei uma noiva
sobrinha o nome dela é Fátima e ela
é brasileira e é uma gracinha bem fofoquinha.
Fátima todas as noites soube cantiga
e eu outra garota, espero que o meu
pauco não seja realidade.

Um abraço, bem gostoso desta quimica
mundo de esquece, Veronilde, sua amiga
e italiana mulher, espero que o que você
teme se venha para verdade, por que se isto
eu soube de mais alguma coisa de você,
eu falo de conta que você pra mim não
existe.

Desculpa a letra feia e a
caligrafia errada, foi feita a meio
noite e eu o luar da madrugada.

Desculpa alguma coisa, te amo
e não quero perder você por nada
neste mundo. Você é o meu único
homem. que eu amo de verdade. OK.
Fátima meu poeta, te amo, te adoro..

Boa Vista 24 de Outubro de 1990.

Saudades.

Com muita saudade que volto a te escrever, para lhe dar as minhas foi que soube das suas.

Fábio eu recebi a sua carta dia 20 de outubro, já estava preocupada.

A sua foto ficou linda eu adorei, mais você parece um pouco magro, mais com tudo isso você está lindo.

Essa foto que eu lhe mandei foi tirada de frente o palácio, na praça do galinheiro.

Fábio na última vez que eu falei com você pelo telefone, a tia Raimundi nha ficou sabendo, ligou para tia Euzer dizendo que eu tinha ligado pra você da casa de uma prima. só sei que agora a minha vida é um inferno.

Fiquei muito feliz em saber que você está pretendendo vir pra cá.

Fábio o Ronaldo aquele que tinha aquela loja vizinho a lanchonete de Carminha já está aqui.

Fábio eu cortei o cabelo bem curtinho, porque aqui é muito quente e o meu pescoço já estava ferindo.

Boa Vista 12/03/90

"Gaulacões"

Oi, Com você tudo bem, Comigo vai tudo muito mal. Fábio quero lhe pedir desculpa pelo o que a tia fez, quero te dizer que foi mentira quando a tia disse pra você que eu tinha saído com as amigas eu estava na casa vizinha ela que não quis me chamar, fiquei muito chateado com tudo espero que não aconteça mais. Quero lhe pedir por tudo que mais aconteceu nesse mundo não me ligue mais por favor é melhor pra mim e pra você assim agente evita discussões.

Fábio chorando os dias arrependido eu pensava uma coisa e me aconteceu outra muito diferente, tem noite que eu não consigo jantar dormo com fome por que a raiva não deixa, ~~mas~~ não consigo comer quando estou com muita raiva.

Fábio é melhor que você fique só me escrevendo não precisa me ligar só a carta já disse o que sinto por ti.